

Calouros fazem questão de usar chapéu

Eles seguem determinação do conselho e tiram o ornamento durante as atividades acadêmicas; peça é utilizada nas ruas do campus

Henrique Spavieri/JP



TRADIÇÃO
Calouros caminham com o chapéu no campus da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz

seu chapéu, conforme o seu curso, no qual é gravado um apelido, e é orientado a conquistar o maior número possível de assinaturas no chapéu, pois elas denotam expertise, quantidade de pessoas conhecidas e a simpatia do calouro.

Para os que são contra o uso do chapéu, tais assinaturas denotam submissão. Isso porque para receber uma assinatura no chapéu, o veterano não se aproxima do calouro e pergunta se ele quer a "honra" de conhecer seu doutor, caso aceite, o calouro dá a sua mão ao veterano, apela-se e começa a se apresentar, de forma "submissa".

De acordo com o diretor da Esalq, professor Antônio Roberto Dechen, o uso do chapéu fora das salas de aula não é proibido. "Não fazemos oposição ao uso do chapéu nas dependências externas da uni-

versidade. Nossa intenção é evitar seu uso nas salas de aula e isso tem sido seguido", disse.

versidade. Nossa intenção é evitar seu uso nas salas de aula e isso tem sido seguido", disse.

FERNANDA MORAES
fernanda.moraes@pjournal.com.br

A tradição venceu. Esta foi a informação dada pela maioria dos calouros da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) ao explicar sobre a proibição do uso do tradicional chapéu de palha — marca registrada desde a década de 70, entregue aos ingressantes da universidade —, e que foi proibida pela congregação esalqueana no acesso às aulas e demais atividades acadêmicas por entender que o uso desse ornamento caracterizava uma forma de corte. Basta olhar para as ruas do campus da Esalq para perceber que a maioria dos calouros está usando o chapéu.

"Não tem como entrar na Esalq e não usar o chapéu. E como não estar aqui, pois você não é reconhecido nas ruas. Sou piracicabana e meu maior orgulho é ter entrado na Esalq e andar pelas ruas da cidade com esse chapéu. Devido às novas normas, deixamos apenas de entrar com ele nas salas de aula, mas

de resto só tiro o chapéu quando estou em casa", disse a caloura em engenharia agrônoma Flávia Zambon.

Para o calouro Thales Sato que veio da cidade de Novo Horizonte, a tradição do chapéu não pode acabar. "A diretoria da universidade precisa entender que para nós, os calouros, usar esse chapéu é motivo de orgulho", disse ao conframar que também tira o chapéu apenas na sala de aula para que o seu ornamento não seja "confiscado".

O calouro Caio Maçrit, de São Paulo, disse que a tradição deverá ser mantida por muitos anos. "Usar o chapéu também representa a integração com os veteranos", disse.

O chapéu dado aos calouros é oferecido após uma cerimônia de apresentação. De acordo com os alunos, o ingressante recebe

Diretor diz que intenção é evitar o uso nas salas de aula